

O Conceito de Pessoa em Max Scheler

Tiago de Fraga Gomes¹

Resumo

A presente pesquisa pretende trabalhar o conceito de pessoa na filosofia de Max Scheler, explorando suas influências e contribuições para o tema em âmbito filosófico e teológico. O conceito de pessoa em Scheler prescinde de um puro idealismo racionalista. A pessoa humana para Scheler é o ser vivente que transita pelas esferas constitutivas da existência, com os pés firmes na materialidade do mundo, agregando em seu ser, várias dimensões, desde os níveis psíquicos da sensibilidade afetiva, do instintivo, da memória associativa, da inteligência prática até o patamar especificamente humano: a dimensão espiritual. A pessoa humana em Scheler constitui-se como um centro espiritual de atuação cuja percepção descobre o mundo com seus valores, tendo a própria pessoa um valor absoluto e irreduzível, pois a pessoa é mais do que os seus atos. A pessoa é espírito ligado à vida, é ser de transcendência, é centro indeterminado de determinação, com possibilidade de aprendizado, de mudança de atitudes, de arrependimento e de conversão. O método utilizado por Scheler vem da fenomenologia de Edmund Husserl, com a peculiaridade de um emocionalismo constitutivo nos atos intencionais de ideação ligados à pessoa, cuja característica é a imediação gnosiológica na apreensão da realidade. A teoria scheleriana leva a superar um puro formalismo ético ao estilo kantiano e a perceber a pessoa como um ser não apenas racional, mas também emocional e espiritual. Uma análise do conceito de pessoa em Scheler pode ajudar a perceber a pessoa como um ser que compartilha elementos de todo o cosmos, mas que tem uma dignidade peculiar.

Palavras-chave: Pessoa. Percepção. Valores. Fenomenologia. Scheler.

Introdução

Para o filósofo alemão Max Ferdinand Scheler (1874-1928), não há maior problema filosófico como a questão da pessoa humana em sua essência e estrutura constitutiva², pois nunca houve antes tantas opiniões acerca do ser humano e de sua origem que fossem tão incertas, imprecisas e múltiplas como no tempo atual. É preciso superar as velhas opiniões e empreender um novo caminho, prescindindo de ideias dominantes que totalizam uma visão do humano como a *imago Dei* judaico-cristã³, o *homo sapiens* grego⁴ ou o *homo faber* positivista e pragmatista.⁵ As perguntas “o que é o homem?” e “qual a sua posição no interior do ser?” sempre foram prioridade para a consciência filosófica de Scheler.⁶ A presente pesquisa pretende seguir brevemente o itinerário antropológico scheleriano, desde o método fenomenológico herdado de Edmund Husserl até a formulação de um personalismo ético.

¹ Doutorando em Teologia pela PUCRS, bolsista da CAPES.

² Cf. SCHELER, M. *La idea del hombre y la historia*, p. 9.

³ Cf. SCHELER, M. *La idea del hombre y la historia*, p. 19.

⁴ Cf. SCHELER, M. *La idea del hombre y la historia*, p. 23.

⁵ Cf. SCHELER, M. *La idea del hombre y la historia*, p. 35.

⁶ Cf. SCHELER, M. *A posição do homem no cosmos*, p. 1.

1 A influência do método fenomenológico de Husserl

Scheler constrói uma antropologia centrada na pessoa como ser orgânico-espiritual que se abre ao mundo não apenas através da dimensão racional, mas também, através de atos intuitivos e intencionais conscientes.⁷ A estratificação ontológica da pessoa, com a qual ocorrem as interações com o meio, abarca dimensões mais primitivas, desde as esferas biofísicas até as espirituais. Há categorias pessoais que não estão contidas na racionalidade, porém, não são desprovidas de sentido. O conhecimento objetivo, por exemplo, é apenas um dos atos do pensamento. Husserl concebe o processo gnosiológico para além da dimensão vivencial, subjetiva e psíquica, no sentido de uma adequação da unidade ideal de significação ao estado objetual de coisas, porém, sem se fechar aos atos não objetivantes do pensamento.⁸

Husserl convida seus sucessores a perscrutar e clarificar a essência do conhecimento⁹ de modo a não pouparem esforços na crítica às imperfeições de seu pensamento.¹⁰ Scheler, diferente de Husserl, se ocupou prioritariamente de uma fenomenologia pura, descrevendo os processos de conhecimento, sobretudo, no âmbito da consciência, culminando em posições idealistas. Scheler se interessa pela descrição das dimensões *a priori* e materiais do pensamento, as primeiras, se referem às intuições cognitivas de caráter emocional, e as segundas, às bases sócio-culturais do conhecimento, desde os graus das vivências *a posteriori* a nível vital, emocional e comunitário. Para Scheler, toda racionalização se enraíza no chão da materialidade sensível, vital, emocional e sócio-cultural.¹¹

Enquanto Husserl se preocupa com a objetividade do fato científico, Scheler o considera em sua relatividade, como um fato não absoluto. Husserl se ocupa em investigar a linguagem significativa e em descrever os atos objetivantes, fundantes do conhecimento das coisas, mas reconhece que há atos não objetivantes, fornecedores de conhecimento sobre as vivências internas ou subjetivas que são fundamentais para a comunicação.¹² Scheler centra sua atenção nos objetos pré-científicos do mundo antropológico e na possibilidade de descrição de vivências subjetivas da consciência, abrindo espaço para os valores, os afetos e os fatos culturais que foram desconsiderados pelas ciências positivas emergentes de sua época. Enquanto Husserl categoriza as coisas como entes essenciais acessíveis à consciência, Scheler

⁷ Cf. VOLKMER, S. A. J. *O perceber do valor na ética material de Max Scheler*, p. 7.

⁸ Cf. VOLKMER, S. A. J. *O perceber do valor na ética material de Max Scheler*, p. 14.

⁹ Cf. HUSSERL, E. *A ideia da fenomenologia*, p. 73.

¹⁰ Cf. HUSSERL, E. *Investigações lógicas*, p. 11.

¹¹ Cf. VOLKMER, S. A. J. *O perceber do valor na ética material de Max Scheler*, p. 13.

¹² Cf. HUSSERL, E. *Investigações lógicas*, p. 170.

interpreta os valores como essências valiosas acessíveis aos sentimentos. Scheler aos poucos vai construindo uma fenomenologia peculiar, de cunho intuitivo-emocional.

Husserl, atraído pelo transcendentalismo kantiano, tem uma direção mais intelectualista. Scheler recorre ao vitalismo ao estilo de Nietzsche, Dilthey e Bergson, para fundamentar uma noção de intuição da essência pura que parte das bases materiais da vida.¹³ A motivação fundamental de Scheler diz respeito à ética e à antropologia filosófica, seu interesse diz respeito à vida prática e ao ser humano integral.¹⁴ Scheler não pretende descobrir propriamente o sentido do conhecimento científico, mas o sentido da vida. A ética e consequentemente a antropologia são os eixos da reflexão filosófica de Scheler.¹⁵ À pergunta “o que é o homem?”, segue o questionamento “o que devo fazer?”. Scheler constrói um conceito de pessoa como fundamento para a vida prática. O que move primeiramente as pessoas são questões práticas, não metafísicas. No entanto, o “conhece-te” é a grande reflexão filosófica de fundo.¹⁶

2 O conceito de pessoa a partir da materialidade da vida

Para Scheler, o ser humano é uma síntese de várias dimensões, desde as esferas naturais até a espiritual; é espírito que se move entre as esferas do ser; é um *microcosmo* que compartilha as diversas camadas da realidade do mundo; é o único ser que pode chegar a ser pessoa, por isso é *microtheos*.¹⁷ Desde a esfera do mundo material inanimado, a esfera atômica, passando pela estruturação orgânica da matéria que perfaz a vida, as dimensões vitais vegetativas e anímicas, a vida psíquica emocional, a dimensão afetiva valorativa, culminando na ligação de todos os elementos vitais à esfera espiritual e no vínculo entre o espírito humano singular com o espírito absoluto supra singular, fundamento de todo ser, tudo isso constitui as diversas esferas microcósmicas da pessoa humana.¹⁸ O ser humano é espírito livre que transita pelas esferas da vida como centro de vontades, intenções, valorações e atos.

A genialidade de Scheler consiste em superar uma visão filosófica monista com relação à essência do ser humano. Percebe o ser humano não como acima ou superior aos estratos mais simples do mundo físico, orgânico e sensitivo, porém, não o equipara indistintamente ao mesmo nível de todo o cosmos. Ao isolar o ser humano de sua ligação com as diversas

¹³ Cf. VOLKMER, S. A. J. *O perceber do valor na ética material de Max Scheler*, p. 25.

¹⁴ Cf. VOLKMER, S. A. J. *O perceber do valor na ética material de Max Scheler*, p. 26.

¹⁵ Cf. SPIEGELBERGER, H. *The phenomenological movement*, p. 272.

¹⁶ Cf. VOLKMER, S. A. J. *O perceber do valor na ética material de Max Scheler*, p. 27.

¹⁷ Cf. VOLKMER, S. A. J. *O perceber do valor na ética material de Max Scheler*, p. 73.

¹⁸ Cf. VOLKMER, S. A. J. *O perceber do valor na ética material de Max Scheler*, p. 74.

estruturas da vida, salientando unilateralmente seja a dimensão racional-espiritual, seja a dimensão técnico-prática, ou mesmo a dimensão biofísica, acaba-se por construir uma visão artificialmente desintegrada e inconsistente. O ser humano é um ser integrado pelas diversas dimensões da vida em cooperação.¹⁹

Scheler possui um conceito sistemático-natural de ser humano, o qual considera todos os estratos de ser presentes no ser humano incluindo as suas peculiaridades distintivas. Na tradição ocidental, há várias visões de ser humano: a visão religiosa da *imago Dei*; a concepção do ser humano como *logos*, como razão independente e autossuficiente; a ideia do ser humano como resultado de processos evolutivos; o ser humano como *homo faber*, determinado por aquilo que faz; cada uma dessas antropologias foca uma dimensão e desconsidera muitas outras. Scheler aponta diversos estratos de ser presentes onticamente no ser humano.²⁰ Scheler pretende elaborar uma consideração mais ampla possível dos estratos de ser presentes no ser humano.

O que Scheler deseja não é propriamente descrever qual é a essência exata do ser humano, mas a sua posição ontológica peculiar no cosmos. O mérito de Scheler está no fato de buscar uma ampliação do conceito de antropologia, prescindindo de todo reducionismo unilateral e preconceituoso que deixe de fora alguma dimensão significativa ao ser humano. Segundo Scheler, o ser vivente em geral se estrutura a partir da construção do mundo psíquico ou individual, ou seja, o ser-para-si, que desenvolve quatro dimensões evolutivas que estão interligadas: 1) o impulso afetivo ou sensitivo; 2) o instinto animal; 3) a memória associativa; 4) a inteligência prática.²¹ O ser humano compartilha elementos de todas essas esferas, mas com uma diferença essencial: o espírito. Pretende-se percorrer brevemente essas dimensões.

2.1 O impulso afetivo

O impulso “afetivo” ou “sensitivo” é a primeira manifestação da individuação do ser-para-si. Parte de um ser íntimo que se destaca do meio, mesmo que ainda esteja subordinado a ele, em um movimento que vai do *ad intra* ao *ad extra*, de dentro para fora, que impulsiona ao crescimento e à reprodução²², embora estejam ainda ausentes a consciência, a sensação e a representação.²³ Nesse nível psíquico, inexistente uma centralização reflexiva.²⁴ Essa é a típica

¹⁹ Cf. VOLKMER, S. A. J. *O perceber do valor na ética material de Max Scheler*, p. 74-75.

²⁰ Cf. VOLKMER, S. A. J. *O perceber do valor na ética material de Max Scheler*, p. 81.

²¹ Cf. VOLKMER, S. A. J. *O perceber do valor na ética material de Max Scheler*, p. 82.

²² Cf. SCHELER, M. *A posição do homem no cosmos*, p. 10.

²³ Cf. SCHELER, M. *A posição do homem no cosmos*, p. 9.

²⁴ Cf. SCHELER, M. *A posição do homem no cosmos*, p. 12.

vida vegetativa, cujo movimento, essencial à vida, é capaz de resistência ao meio e de buscar condições mais favoráveis contornando obstáculos e adaptando-se às condições ambientais. No ser humano, a intuição afetiva é o primeiro dado material de percepção e de vivência da realidade e de intimidade com o meio circundante.²⁵

2.2 O instinto animal

O instinto animal é a dimensão anímica dos estados internos que se expressam nos comportamentos externamente observáveis²⁶, os quais são movimentos e respostas em interação com o meio circundante. Caracteriza-se por um ritmo temporal repetitivo, fixo e invariável²⁷, relacionado a situações significativas para uma determinada espécie. O instinto possui traços fundamentais inatos e hereditários.²⁸ Nesse sentido, o instinto possui características inalteráveis.²⁹ Trata-se sempre de uma interação de um centro anímico com um meio, mas que não depende de uma resposta individualizada, pois não envolve escolha pessoal³⁰, está sempre pré-programado, em uma unidade característica entre saber prévio e ação de atração ou de retração a elementos específicos do meio, representando uma especialização crescente do impulso afetivo e de suas qualidades.³¹

2.3 A memória associativa

A memória associativa se refere a um centro de resposta relacionado a elementos específicos do meio, como unidades significativas formuladas a partir de experiências prévias bem sucedidas, que se referem a determinados acontecimentos. Tem por base reflexos condicionados, mas vai mais além. Não se trata apenas de reflexos, mas de aprendizado empírico. Ultrapassa o condicionamento instintivo. Buscar ou evitar algo em virtude de um resultado almejado, aprendido por associação de ações anteriores, inseridas em um encadeamento repetitivo, diz respeito a uma memória que relaciona determinada ação a um resultado específico.³² A memória associativa rege-se por reflexos condicionados segundo uma lei associativa entre estímulos específicos e a reprodução de respostas comportamentais

²⁵ Cf. SCHELER, M. *A posição do homem no cosmos*, p. 13-14.

²⁶ Cf. SCHELER, M. *A posição do homem no cosmos*, p. 15.

²⁷ Cf. SCHELER, M. *A posição do homem no cosmos*, p. 16.

²⁸ Cf. SCHELER, M. *A posição do homem no cosmos*, p. 17.

²⁹ Cf. SCHELER, M. *A posição do homem no cosmos*, p. 19.

³⁰ Cf. VOLKMER, S. A. J. *O perceber do valor na ética material de Max Scheler*, p. 84.

³¹ Cf. SCHELER, M. *A posição do homem no cosmos*, p. 21.

³² Cf. VOLKMER, S. A. J. *O perceber do valor na ética material de Max Scheler*, p. 84-85.

proporcionais, cuja gênese reporta-se a vivências passadas.³³ Esse nível psíquico é responsável pela sedimentação de hábitos.

2.4 A inteligência prática

A inteligência prática não depende de atos prévios bem sucedidos. Independe da quantidade de tentativas. Relacionadas a esse nível psíquico, estão as capacidades de escolha e de ação seletiva. Um ser vivo pode ser considerado inteligente quando empreende um comportamento com sentido diante de situações novas, nem típicas da espécie nem do indivíduo.³⁴ O indivíduo inteligente é capaz de um pensamento produtivo, não apenas reprodutivo³⁵, e de intuir antecipadamente ações por entre elementos do meio e atos de seu movimento corporal. É providente e astuto. Não depende necessariamente de um aprendizado prévio. É princípio da dimensão criativa do indivíduo, porém, situado dentro do contexto de uma necessidade e de condições de possibilidade muito específicas.³⁶ Não é ainda uma capacidade de formulação conceitual e de objetivação dos elementos envolvidos em determinada ação, a ponto de se poder afirmar que é possível reproduzir atividades e eventos desde um conhecimento conceitual acumulado. É quase como que um instinto mais elaborado e uma memória mais ativa do que reprodutiva. Ainda não é possível erigir um memorial que perpetue determinadas ações.

2.5 A diferença essencial do ser humano e sua posição no cosmos

O meio pode ser representado ou objetivado pelo espírito, diferença essencial constitutiva do ser humano em relação aos demais seres viventes. “O espírito é um centro de atividade intencional.”³⁷ Só a pessoa humana pode intencionalizar para atuar.³⁸ Segundo Scheler, a pessoa humana como ser espiritual pode ser caracterizada por “seu desprendimento existencial do orgânico, sua liberdade, sua separabilidade – ou ao menos a separabilidade de seu centro existencial – ante os laços, a pressão e a dependência do orgânico, da ‘vida’ e de tudo o que pertence à vida.”³⁹ A pessoa possui um valor próprio irredutível, mas que vai se construindo no decorrer de sua existência como um centro indeterminado de determinação, a partir do qual há a possibilidade de mudança de atitudes, de arrependimento e de conversão.

³³ Cf. SCHELER, M. *A posição do homem no cosmos*, p. 23.

³⁴ Cf. SCHELER, M. *A posição do homem no cosmos*, p. 29.

³⁵ Cf. SCHELER, M. *A posição do homem no cosmos*, p. 30.

³⁶ Cf. VOLKMER, S. A. J. *O perceber do valor na ética material de Max Scheler*, p. 85.

³⁷ AQUINO, T. *A fenomenologia da distinção humana*, p. 255.

³⁸ Cf. GOMES, T. F. *As premissas do sistema ético-filosófico de Max Scheler*, p. 91.

³⁹ SCHELER, M. *A posição do homem no cosmos*, p. 36.

Todos os elementos vitais psicofísicos tais como os movimentos, as pulsões, os impulsos instintivos, os estados afetivos e até mesmo os elementos do meio circundante, podem ser objetivados pela pessoa, que enquanto ser espiritual pode representar e tomar como objeto.⁴⁰ Segundo Scheler, “um ser ‘espiritual’ não está mais vinculado a pulsões e ao meio ambiente. Ao contrário, ele está muito mais ‘livre do meio ambiente’, e, como gostaríamos de denominá-lo, ‘aberto para o mundo’.”⁴¹ A pessoa enquanto ser espiritual, posiciona-se por força do espírito em atitude de abertura ao mundo, que apreende por força própria e por suas próprias motivações internas o modo de ser dos objetos.

Através do ato de ideação, ato especificamente espiritual, a pessoa representa para si os elementos circundantes como essências, desvinculando-as do seu meio e elevando-as como objetos de seu mundo, como ideias próprias. O ato de ideação é o fundamento de toda atividade teórica da pessoa como ser espiritual, e é o que possibilita à pessoa desprender-se do mundo psicofísico e elevar-se à “constituição *essencial* do mundo.”⁴² O ato espiritual da pessoa como ser autoconsciente, consiste na superação da simples adequação ao mecanismo natural determinista de estímulo-resposta. “Autoconsciência e capacidade objetiva de resistência pulsional originária formam uma *única estrutura ilacerável* que, como tal, só é própria ao homem.”⁴³ Além de poder objetivar o mundo circundante e criar um mundo para si, o ser humano pode objetivar a si mesmo, as suas vivências pessoais, sendo possível modelar livremente a sua própria vida. O ser humano é o único ser vivente capaz de vontade, de opinião e de promessas.

A partir de seu centro espiritual, a pessoa humana é capaz de tornar tudo objeto de seu conhecimento, inclusive o seu próprio ser. É capaz de autoconhecimento. No entanto, para conhecer uma pessoa, é preciso ir além de si mesmo e co-participar de seu mundo, pois a pessoa é “*pura atualidade*, só tem seu ser *na livre realização de seus atos*. O centro do espírito, a pessoa, não é, portanto, nem um ser objetivo, nem um ser coisificado, mas apenas uma *estrutura ordenadora de atos*.”⁴⁴ Não é possível simplesmente objetivar uma pessoa, mas apenas acompanhar a realização de seus atos livres. Só é possível compreender uma pessoa amando-a, isso é o extremo oposto de objetivação. O amor leva a uma empatia co-participativa no ser do outro, sem esgotar gnosiologicamente a sua essência.

⁴⁰ Cf. VOLKMER, S. A. J. *O perceber do valor na ética material de Max Scheler*, p. 86.

⁴¹ SCHELER, M. *A posição do homem no cosmos*, p. 36.

⁴² SCHELER, M. *A posição do homem no cosmos*, p. 48.

⁴³ SCHELER, M. *A posição do homem no cosmos*, p. 39.

⁴⁴ SCHELER, M. *A posição do homem no cosmos*, p. 45.

Segundo Scheler, a pessoa humana é capaz de se colocar além de seu mundo, de transcender, é capaz de ironia e de humor, de não se resignar aos limites que se lhe impõe, mas busca superação, auto-superação, tem um horizonte que está sempre mais além que a rotina e o cotidiano. A pessoa não possui uma posição estática no cosmos, é centro de atos, é movimento, é peregrinação. Pode estar em qualquer posição. A pessoa é trânsito livre e permanente. “A pessoa só é *em* seus atos e *através* deles.”⁴⁵ A pessoa é indefinível por natureza. Está sempre entre um limite e uma travessia, em saída entre o reino da natureza e o reino de Deus, como em uma ponte, em um movimento entre eles, na meta de um além de si. Na base desta indefinição está uma busca por transcendência, por um mais além, por um sair de si, por um encontro com a natureza mesma ou com Deus, espírito supra individual, “pessoa infinitamente perfeita”⁴⁶, imagem ideal de humanidade.

3 O personalismo ético scheleriano

Para Scheler, a pessoa atua moralmente, porém, possui um valor absolutamente próprio e inalienável. “O ato da pessoa pode ser bom ou mau, mas a pessoa é sempre boa.”⁴⁷ Somente por analogia podemos dizer que uma pessoa é má. Em Scheler, apenas os pecados morais perpetrados são maus, mas nunca o pecador em si, pois a pessoa continua capaz de realizar atos bons, a pessoa sempre pode se converter. A pessoa sempre é capaz de realizar bons atos morais. Para Scheler, a pessoa é ontologicamente boa e digna de valor em si em um sentido absoluto, e nunca relativamente. A pessoa é boa em si, independente de qualquer mediação e mesmo que não esteja consciente de seu valor.⁴⁸ A realização da pessoa consiste no desenvolvimento de suas próprias potencialidades e na realização de valores no mundo.

Em um sentido scheleriano, a pessoa humana possui uma dignidade própria, nunca pode ser considerada como um meio para se alcançar um determinado fim. A pessoa não é apenas um ser racional, um sujeito lógico, mas um indivíduo concreto e peculiar que vive e atua, e que não pode ser simplesmente generalizável. “A pessoa não pode ser apenas sujeito de atos racionais restritos à leis e à normas.”⁴⁹ Diferentemente da ética formal de Kant, o personalismo de Scheler “valoriza a essência e a autonomia da pessoa, combatendo a ideia de uma essencialidade idêntica para todos os homens, ideia que fatalmente levaria a uma

⁴⁵ SCHELER, M. *A posição do homem no cosmos*, p. 45.

⁴⁶ SCHELER, M. *A posição do homem no cosmos*, p. 120.

⁴⁷ VOLKMER, S. A. J. *O perceber do valor na ética material de Max Scheler*, p. 112.

⁴⁸ Cf. SCHELER, M. *Ética*, Tomo II, p. 292.

⁴⁹ PEREIRA, R. M. B. *O sistema ético-filosófico dos valores de Max Scheler*, p. 130.

‘despersonalização’ da pessoa concreta.”⁵⁰ Scheler realça a autonomia da pessoa humana em sua realização histórica concreta, e não como uma pura essência ou abstração.

Scheler está entre o psicologismo e a metafísica, concebendo a pessoa como uma entidade dinâmica, um centro de atuação, cuja definição excede toda redução ao material e ao psíquico.⁵¹ A pessoa é um ser espiritual, é uma unidade concreta de atos. Na medida em que há liberdade, a pessoa se constitui constantemente.⁵² “A pessoa vive, vivencia-se na execução de seus atos.”⁵³ O ser da pessoa é o fundamento de uma ampla gama de atos espirituais e intencionais diversos relacionados com a materialidade da vida. “Para Scheler, a pessoa não é uma substância nem um sujeito no sentido metafísico ou físico da palavra. Ele adota a teoria atualista da pessoa. A pessoa está em relação com os atos que realiza.”⁵⁴ A pessoa é inteiramente em cada ato e é toda em todo ato. A pessoa é uma unidade de atos de todo tipo que se dá por inteiro na experiência. Conhecemos uma pessoa na medida em que co-experimentamos os seus atos, que participados de suas vivências, quando convivemos com ela. Porém, não podemos objetivá-la. Cada pessoa permanece sempre um mistério de alteridade, irredutível a toda conceitualização formalizadora e totalizante.

Conclusão

O ato de amar uma pessoa proporciona o revelar do valor irredutível que a pessoa tem em si e o mundo de valores do qual é portadora. O amor não cria valores, os descobre, pois não aceita preconceitos, mas intui e conhece na profundidade, co-participa do ser do outro, permite-se fazer a experiência intencional do conhecimento da outra pessoa, percebendo as potencialidades e as possibilidades axiológicas positivas ainda não atuadas pela pessoa no mundo da vida. Considerar a pessoa desde a sua emergência constitutiva da materialidade da vida ajuda a superar a esquizofrenia racionalizante de uma modernidade iluminista, deformadora da integralidade do ser. É preciso voltar às raízes, ao chão da existência. Scheler pretende edificar uma antropologia integral que dê o seu contributo para os questionamentos hodiernos a respeito do ser humano. A pessoa não está isolada das esferas do ser, mas tem os pés firmes na realidade vital, é uma espécie de *microcosmo*, um pequeno mundo, que reúne em si os níveis essenciais da existência⁵⁵, mas que está aberto e em permanente busca de auto-

⁵⁰ PEREIRA, R. M. B. *O sistema ético-filosófico dos valores de Max Scheler*, p. 138.

⁵¹ Cf. MEISTER, J. A. F. *Amor x conhecimento*, p. 22.

⁵² Cf. MEISTER, J. A. F. *Amor x conhecimento*, p. 23.

⁵³ SILVA, N. V. *Sobre o conceito de pessoa na perspectiva ética de Max Scheler*, p. 98.

⁵⁴ WOJTYLA, K. *Max Scheler e a ética cristã*, p. 35.

⁵⁵ Cf. AQUINO, T. *A fenomenologia da distinção humana*, p. 245.

realização. O ser humano é como um asceta da vida⁵⁶, que não tem uma posição definida, mas que tem sempre um horizonte a trilhar, e que o faz ultrapassar e transcender a mera cotidianidade existencial. A pessoa integra e extrapola o contexto vital em que vive e atua.

Referências

- AQUINO, Thiago. *A fenomenologia da distinção humana: Scheler e o projeto da antropologia filosófica*. Síntese, Belo Horizonte, v. 41, n. 130, p. 239-258, 2014.
- GOMES, Tiago de Fraga. *As premissas do sistema ético-filosófico de Max Scheler*. Razão e Fé, Pelotas, v. 15, n. 2, p. 77-120, Jul./Dez. 2013.
- HUSSERL, Edmund. *Investigações lógicas*. São Paulo: Abril Cultural, 1975.
- _____. *A ideia da fenomenologia*. Lisboa: Setenta, 1989.
- MEISTER, José Antonio Fracalossi. *Amor x conhecimento: inter-relação ético-conceitual em Max Scheler*. Porto Alegre: Edipucrs, 1994.
- PEREIRA, Rosane Maria Batista. *O sistema ético-filosófico dos valores de Max Scheler*. Porto Alegre: Est, 2000.
- SCHELER, Max. *A posição do homem no cosmos*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- _____. *Ética: nuevo ensayo de fundamentación de un personalismo ético*. Tomos I e II. Trad. Hilário Rodríguez Sanz. Buenos Aires: Revista de Occidente, 1948.
- _____. *La idea del hombre y la historia*. Trad. Juan José Oliveira. Buenos Aires: Fausto, 1996.
- SILVA, Neusa Vaz e. *Sobre o conceito de pessoa na perspectiva ética de Max Scheler*. La Salle, Canoas, v. 5, n. 1, p. 95-103, Out. 2000.
- SPIEGELBERGER, Herbert. *The phenomenological movement: a historical introduction*. The Hague: Martinus Nijhoff, 1982.
- VOLKMER, Sérgio Augusto Jardim. *O perceber do valor na ética material de Max Scheler*. 2006. 126 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- WOJTYLA, Karol. *Max Scheler e a ética cristã*. Trad. Diva T. Pisa. Curitiba: Champagnat, 1993.

⁵⁶ Cf. AQUINO, T. *A fenomenologia da distinção humana*, p. 253.